

**Título do capítulo** A ATRATIVIDADE DA ESCOLA VERSUS A  
ATRATIVIDADE DO MERCADO DE  
TRABALHO

**Autores (as)** Ricardo Paes de Barros  
Rosane Mendonça

**DOI**

**Título do livro** O Brasil no fim do século: desafios e propostas  
para ação governamental

**Editor (es)**

**Volume**

**Série**

**Cidade**

**Editora** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)

**Ano** 1994

**Edição** 1ª

**ISBN**

**DOI**

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – **ipea** 1994

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://repositorio.ipea.gov.br>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---

# A Atratividade da Escola *versus* a Atratividade do Mercado de Trabalho

Ricardo Paes de Barros\*

Rosane Mendonça\*\*

## 1 - Introdução

Um sistema educacional de alta qualidade encoraja as crianças a gastar mais tempo na escola e menos tempo no mercado de trabalho. Por outro lado, um mercado de trabalho muito atraente, em que os salários ofertados são mais elevados e as chances de obter um emprego com carteira assinada são maiores, exerce uma enorme atração sobre as crianças, desencorajando maiores investimentos em educação. Assim, podemos pensar que existe uma disputa pelo tempo das crianças entre o mercado de trabalho e o sistema educacional.

O objetivo desta nota é mostrar alguns fatos em algumas regiões do Brasil que corroboram a hipótese acima, que, se a sociedade tem preferência por uma menor taxa de participação de crianças no mercado de trabalho e maior frequência à escola, então, deve investir em aumentar a atratividade do sistema educacional para que este possa ganhar esta competição. Mais especificamente, vamos mostrar três fatos: a) a taxa de participação de crianças no mercado de trabalho em regiões mais ricas e com melhor infra-estrutura social, como São Paulo e Porto Alegre, é bem maior do que em regiões mais pobres, menos desenvolvidas e com pior infra-estrutura social, como Fortaleza; b) a taxa de não-frequência à escola é menor em Fortaleza do que em São Paulo e Porto Alegre; c) os gastos em educação em São Paulo são substancialmente maiores do que em Fortaleza.

---

\* Da Diretoria de Pesquisa do IPEA.

\*\* Bolsista ANPEC.

## 2 - O que Mostram os Dados

A comparação entre as regiões metropolitanas de Fortaleza, São Paulo e Porto Alegre (veja a tabela a seguir) mostra que Fortaleza — a mais pobre, menos desenvolvida e com pior infra-estrutura social das três regiões — tem não só a menor taxa de não-frequência à escola como também a menor taxa de participação de menores na força de trabalho. Comparando-se São Paulo e Porto Alegre, tem-se que a taxa de participação no mercado de trabalho é ligeiramente maior na primeira, enquanto a taxa de não-frequência à escola é significativamente maior em Porto Alegre.

Estas diferenças regionais parecem indicar que, contrariamente à ênfase dada na literatura, as decisões dos menores de trabalhar e abandonar a escola são decisivamente influenciadas pela atratividade do mercado de trabalho em que se inserem. Assim, em São Paulo e Porto Alegre, onde os salários ofertados são mais elevados e as chances de obter emprego com carteira assinada são maiores, as taxas de participação do menor no mercado de

### Taxas de Participação na Força de Trabalho e Não-Frequência à Escola, segundo a Faixa Etária e Região Metropolitana - 1987

REGIÃO METROPOLITANA	10 A 12 ANOS	13 A 14 ANOS	15 A 17 ANOS
<i>Taxa de participação</i>			
Fortaleza	7.4	17.5	46.6
São Paulo	5.0	24.3	66.9
Porto Alegre	5.8	26.9	62.2
<i>Taxa de não-frequência</i>			
Fortaleza	10.8	15.5	34.7
São Paulo	3.8	17.7	36.5
Porto Alegre	8.5	23.1	47.5

**Fonte:** Barros, Ricardo Paes de e Mendonça, Rosane. As conseqüências da pobreza sobre a infância e a adolescência. In: Fausto, A. e Cervini, R. (eds.). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. Editora Cortez e Unicef, 1991.

trabalho são mais elevadas, levando, como consequência, a maior taxa de não-frequência à escola. É surpreendente que o sistema educacional, que deve ser de melhor qualidade em Porto Alegre e São Paulo do que em Fortaleza, não atue com força suficiente para neutralizar a maior atratividade do mercado de trabalho, acarretando uma menor taxa de não-frequência à escola nessas regiões.

Com base nos dados sobre o custo por aluno em escolas municipais e estaduais fornecidos pelo Ministério da Educação, Barros, Mendonça e Shope (1993) mostram que as disparidades regionais no custo por aluno são extremamente acentuadas. Esse custo nas escolas estaduais do Nordeste representa 1/3 do custo de escolas semelhantes no Sudeste. Nas escolas municipais essa proporção é de 1/7.<sup>1</sup>

Os dados apresentados anteriormente revelam que, apesar do gasto com educação ser substancialmente maior em São Paulo, esta região apresenta os piores indicadores em termos de taxa de participação de menores no mercado de trabalho e frequência à escola. Em outras palavras, os dados parecem estar indicando que a atratividade do mercado de trabalho ganha, na corrida com o sistema educacional, na disputa pelo tempo das crianças. Além disso, existem evidências que confirmam a crença generalizada de que o trabalho precoce tem consequências negativas sérias de longo prazo tanto sobre o nível de rendimentos quanto sobre a escolaridade finalmente atingida em idade adulta.<sup>2</sup>

Isto posto, a pergunta é: como aumentar a atratividade do sistema educacional com o objetivo de reverter este quadro? Esta questão é parcialmente discutida na seção a seguir.

### 3 - Como Aumentar a Atratividade do Sistema Educacional?

Uma forma de tornar o sistema educacional mais atrativo é melhorar a qualidade dos serviços educacionais ofertados. Contudo, deve-se ter cuidado porquanto nem todos os tipos de melhoria na qualidade dos serviços educacionais têm como efeito o aumento na atratividade do sistema educacional e, conseqüentemente, o aumento no nível educacional. Para compreender o impacto da melhoria da qualidade dos serviços educacionais

1 Ver Barros, R. P., Mendonça, R. S. P. de, Shope, J. A. *Regional disparities in education within Brazil: the role of quality of education*. Rio de Janeiro: IPEA, 1993 (Texto para Discussão Interna, 311).

2 Veja, por exemplo, Barros, R. P., Santos, E. Conseqüências de longo prazo do trabalho precoce. In: Fausto, A., Cervini, R. (eds.). *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. Cortez e Unicef, 1991.

sobre a atratividade da escola é conveniente, do ponto de vista analítico, compreender a produção da educação como um processo alimentado por três insumos: a) a quantidade de serviços educacionais; b) a qualidade dos serviços educacionais; e c) os recursos providos diretamente por famílias e crianças. Partimos do pressuposto de que a quantidade dos serviços tenha se mantido constante.

A principal hipótese é que o impacto de incrementos na qualidade do ensino público sobre a atratividade do sistema educacional não é monotônico. Uma mudança na qualidade que libere os recursos familiares aumentará a atratividade do sistema educacional. Por outro lado, quando a mudança na qualidade, para ser implementada de modo produtivo, requer um aumento concomitante dos recursos familiares, ela poderá tornar a escola muito pouco atraente para as famílias pobres, podendo até mesmo excluir as crianças do sistema educacional.

Uma mudança na qualidade do ensino do tipo que “libera” recursos familiares aumentará a atratividade do sistema educacional e, portanto, favorecerá as crianças pobres na medida em que substituirá estes recursos. Neste caso, uma qualidade melhor ajudará não só a aumentar o nível de escolaridade das crianças pobres mas, também, a reduzir o grau de desigualdade de oportunidades. O fornecimento de transporte escolar de ida e volta para todas as crianças e o fornecimento de material escolar gratuito são exemplos deste tipo de mudança de qualidade.

Uma mudança da qualidade do ensino do tipo que “demanda” recursos familiares beneficiará sobretudo crianças de famílias com alta renda e podem prejudicar as crianças pobres na medida em que aumentará a demanda por tais recursos, reforçando a importância do *background* familiar. O grau de desigualdade de oportunidades certamente aumentará. Suponhamos, por exemplo, que as escolas optem por um currículo mais avançado. Para implementá-lo, contratam professores mais preparados que exijam mais dos alunos. Podemos esperar um aumento nos níveis de repetência para crianças cujos pais, por causa de seu baixo nível educacional ou de um orçamento muito apertado, não possam ajudar os filhos nos trabalhos de casa ou pagar professores particulares. Outro exemplo é o aumento compulsório do número de horas em que a criança deve permanecer na escola. Crianças que precisam combinar trabalho e estudo serão forçadas a abandonar a escola. Em ambos os exemplos, o aumento de qualidade só terá um impacto positivo se as famílias também puderem aumentar os recursos destinados à educação das crianças. Nestes casos, exigências mínimas terão sido implementadas, tornando a educação mais dispendiosa, talvez dispendiosa demais para as famílias pobres. Desta forma, a melhoria da qualidade dos serviços educacionais pode dificultar o acesso à escola para as crianças pobres,

levando a uma redução de seu desempenho escolar e, conseqüentemente, a um aumento da desigualdade de oportunidades educativas.

Em suma, para elevar a atratividade do sistema educacional para as crianças pobres, devem ser planejadas mudanças na qualidade dos serviços educacionais que liberem os recursos familiares, ao invés de aumentar a demanda por estes recursos.